

**A IMAGEM HUMANA DA TRINDADE:  
UM ESTUDO SOBRE O LIVRO XIII, 11, 12,  
DAS CONFISSÕES DE SANTO AGOSTINHO**

*Vani T. de Rezende\**

**RÉSUMÉ**

Cette étude a pour but de faire une analyse structurale de "Confessions XIII", 11, 12, l'un des textes les plus significatifs de "Santo Agostinho". Dans ce texte, l'auteur décrit, dans quelques lignes, tout le parcours de ses réflexions sur la conception de l'image de Dieu "Uno" et "Trino" à l'intérieur de l'âme humaine, dont se trouve épuisément développé dans son traité "La Trinité". L'auteur de cet article a l'intention de souligner, par ce traité, le style rhétorique de "Santo Agostinho" de réduction à l'absurde que, comme un exercice d'intelligence, choisit des oppositions et des alternatives pour faire l'âme arriver à l'impondérable.

**Mots-clés:** Ressemblance - dissemblance, modèle - image, simplicité - multiplicité, finitude - infinitude, infini corporel - infini spirituel, numéro sensible - numéro intelligible, maniqueïsme, néoplatonisme.

**RESUMO**

Este estudo tem por objetivo fazer uma análise estrutural de *Confissões XIII, 11, 12*, um dos textos mais significativos de Santo Agostinho. Nele o autor expõe, em poucas linhas, todo o percurso de suas reflexões sobre o conceito da imagem de Deus Uno e Trino no interior da alma humana, o qual se encontra exaustivamente desenvolvido em seu tratado *A Trindade*. O autor deste artigo pretende evidenciar, à luz do referido tratado, o estilo retórico agostiniano de redução ao absurdo

\* Doutoranda do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

que, enquanto exercício da inteligência, parte de oposições e alternativas para fazer a alma chegar ao imponderável.

**Unitermos:** semelhança-dessemelhança, modelo-imagem, simplicidade-multiplicidade, finitude-infinitude, infinito corpóreo-infinito espiritual, número sensível-número inteligível, maniqueísmo, neoplatonismo.

*Trinitatem omnipotentem quis intellet? Et quis non loquitur eam, si tamen eam? Rara anima, quaecumque de illa loquitur, scit quod loquitur. Et contendunt, et dimicant, et nemo sine pace videt istam visionem.*

*Vellem, ut haec tria cogitarent homines in se ipsis. Longe aliud sunt esta tria quam illa Trinitas, sed dico, ubi se exercent et probent et sentiant, quam longe sunt.*

*Dico autem haec tria: esse, nosse velle. Sum enim et scio et volo: sum scies et volens et scio esse me et velle et volo esse et scire.*

*In his igitur tribus quas sit inseparabilis vita et una vita et una mens et una essentia, quam denique inseparabilis distinctio et tamen distinctio, videat qui potest. Certe coram se est; attendat in se et videat et dicat mihi.*

*Sed cum invenerit in his aliquid et dixerit, non iam se putet invenisse illud, quod supra ista est inconmutabile, quod est inconmutabiliter et scit inconmutabiliter et vult inconmutabiliter: et utrum propter tria haec et ibi trinitas, an in singulis haec tria, ut terna singulorum sint, an utrumque miris modis simpliciter et multipliciter infinito in se sibi fine, quo est et sibi notum est et sibi sufficit inconmutabiliter id ipsum copiosa unitatis magnitudine, quis facile cogitaverit? Quis ullo modo dixerit? Quis quolibet modo temere pronuntiaverit?*

(*Confessionum libri XIII, 11, 12, ed. L. Verheijen, SANCTI AUGUSTINI OPERA, CORPUS CHRISTIANORUM, Series Latina 27. Brépols, Turnhout, 1990, editio altera*) .

## A Imagem Humana da Trindade

Quem poderá entender a Trindade onipotente? E quem não fala dela, ainda que não a entenda? É rara a pessoa que, ao falar da Santíssima Trindade, saiba o que diz. Discute-se, debate-se, mas ninguém é capaz de contemplar essa visão sem paz interior. Quisera meditassem os homens sobre estes três que têm dentro de si mesmos, os três bem distantes da Trindade. Indico-os, para que se exercitem, e assim experimentem e sintam quão longe estão (do entendimento da Trindade). Aludo a estes três: ser, conhecer, querer. Pois sou, conheço e quero: sou conhecendo e querendo; conheço que sou e quero; quero ser e conhecer. Repare quem puder como é inseparável a vida nos três: uma só vida, uma só inteligência, uma só essência. Como é inseparável a distinção nos três. Distinção que no entanto existe! Cada um está diante de si mesmo. Estude-se, veja e responda-me. Contudo, mesmo que reflita e me responda, não julgue ter encontrado aquilo que acima deles é inmutável, que inmutavelmente é, inmutavelmente conhece e inmutavelmente quer. Será porventura graças a estes três que há a Trindade, ou em cada uma dos três há estes três, de modo a serem três em cada um? Ou ambas as coisas se realizam de modo admirável - numa simplicidade que é justamente multiplicidade -, infinito em si e finito para si, pelo qual seja, se conheça e se baste imutavelmente na copiosa magnitude da unidade? Quem facilmente o pensará? Quem o poderá explicar de algum modo? Quem, de algum modo, ousaria pronunciar-se temerariamente a esse respeito?

(Confissões XIII, 11,12)

\* Versão elaborada a partir de várias traduções (Ed. Paulus, Ed. Os Pensadores, trad. de Pierre Hadot para o francês, trad. não finalizada de Ângelo A. Z. Ramos) cotejadas, com auxílio de dicionário, com o texto original latino.

## Introdução

O que segue é uma tentativa de vislumbrar algum espaço de clarificação de um trecho de Santo Agostinho circunscrito em Confissões XIII, 11, 12. Não pretendemos, neste estudo, esgotar a complexidade do tema proposto, amplamente desenvolvido no seu grande tratado *A Trindade*, do qual nos serviremos abundantemente nesta exposição. Faz-se necessário também esclarecer que procuraremos utilizar o mínimo possível os comentadores. Primeiro, porque não somos especialistas em Agostinho, e, segundo, por pretendermos apenas seguir uma recomendação explícita do nosso autor de fazer um exercício – um esforço pessoal de exegese do próprio texto.

De imediato o que chama a atenção no texto é a indicação de duas grandes oposições: uma entre *entender* (intellegere) e *contemplar* (videre), e outra entre a *pequenez* da alma humana e a *grandeza* de Deus. A proposta de Agostinho é examinar a relação entre os três componentes de uma tríade na alma humana, uns com os outros, e, em seguida, a relação e correlação entre as três pessoas da Trindade, com o objetivo “negativo” de fazer olhar para a pequenez da alma humana, para ver que não entende a grandeza da Trindade Onipotente. O texto finaliza em aberto, sinalizando os limites da inteligência humana e a transcendência do “mistério” do qual buscamos incansavelmente algum entendimento.

Uma leitura mais atenta nos faz ver também que o exercício intelectual sobre a tríade da alma aponta para o reconhecimento desta como una e trina ao mesmo tempo. Só que este fato não autoriza, por assim dizer, que com isso possamos entender aquilo (Deus Uno e Trino) que está acima de todas as criaturas. Aqui já não veríamos mais simples oposição, pois muda-se de instância. Trata-se de um outro registro onde outro tipo de relação poderia definir melhor do que a de oposição - aquela entre Criador e criatura, sendo esta, enquanto homem, imagem e semelhança de Deus. Nesse caso poderíamos dizer que se o conhecimento da alma não conduz à Trindade, haverá de ser a própria Trindade, modelo daquela imagem, que pode fazer a alma chegar até ela. Se e como isso ocorre é o que

pretendemos analisar no texto em questão. Para isso dividimos o texto em duas partes principais, obedecendo sua própria estruturação interna. A primeira parte constará do exame do tema da trindade no interior da alma humana. A segunda tratará do aspecto de relação e correlação entre os três termos da própria Trindade.

Começemos por apresentar uma estruturação detalhada dessas duas partes, que nos servirá inclusive de roteiro para a exposição subsequente.

### **Divisão do texto**

**1. O exame do conhecimento de si como exercício intelectual.** De “Quem poderá entender” até “Estude-se, veja e responda-me”.

**1.1. Colocação do problema: A questão da incompreensibilidade do mistério trinitário.** De “Quem poderá entender” até “sem paz interior”.

**1.2. Primeira determinação: o que a imagem da Trindade não é.** De “Quisera meditassem os homens” até “quão longe estão”.

**1.3. Segunda determinação: o exame da tríade ser, conhecer, querer.** De “Aludo a estes três” até “Estude-se, veja e responda-me”.

**2. A especificidade das relações entre as três pessoas da Trindade - a incomutabilidade, a unidade e o infinito.** De “Contudo, mesmo que reflita” até “copiosa magnitude da unidade?”

**2.1. Dicotomia entre os três termos mutáveis da alma humana e a incomutabilidade no ser, conhecer e querer de Deus.** De “Contudo, mesmo que reflita” até “incomutavelmente quer”.

**2.2. Unidade e multiplicidade na dinâmica infinita da vida ternária intradivina.** De “Será porventura” até “copiosa magnitude da unidade?”

**2.2.1. Primeira alternativa: duas hipóteses.** De “Será porventura” até “de modo a serem três em cada um?”

**2.2.2. Segunda alternativa: o infinito como fundamento último do finito.** De “Ou ambas as coisas” até “copiosa magnitude da unidade?”

**3. Conclusão.** De “Quem facilmente o pensará” até “temerariamente a esse respeito”.

### Análise do texto

1. O exame do conhecimento de si como exercício intelectual

1.1. Colocação do problema: a questão da incompreensibilidade da Santíssima Trindade.

*Quem poderá entender a Trindade onipotente? E quem não fala dela, ainda que não a entenda. É rara a pessoa que, ao falar da Santíssima Trindade, saiba o que diz. Discute-se, debate-se, mas ninguém, é capaz de contemplar esta visão sem paz interior.*

Como uma via de aproximação do texto, detenhamo-nos, de início, em alguns aspectos mais aparentes destas linhas. Em primeiro lugar, parece-nos importante assinalar a expressão “contemplar essa visão”, pois que nos aponta o fim último de um itinerário, este sugerido já na próxima fala, onde se coloca a necessidade de experimentar a incompreensibilidade do homem em relação a si mesmo como condição para a experiência da Santíssima Trindade.

Não temos condição, por enquanto, de saber o que quer dizer “contemplar essa visão sem paz interior”. Seria necessário voltar a esta questão, que por ora deixaremos em suspenso, assinalando contudo que: 1) o tom dessas primeiras linhas é de inquietude, em oposição à paz almejada, deixando entrever, na expressão citada, a

desproporção entre, digamos assim, o “mistério” da Trindade e a compreensão que o homem possa dele ter; 2) há relação entre “contemplar esta visão” e “paz interior”, sendo que esta última parece ser condição para se chegar àquela; 3) não será portanto pela controvérsia (“discute-se, debate-se”) que se pode penetrar no conhecimento da Trindade divina.

1.2. Primeira determinação: O que a imagem da Trindade não é.

*Quisera meditassem os homens sobre estes três que têm dentro de si mesmos, os três bem distantes da Trindade. Indico-os, para que se exercitem, e assim experimentem e sintam quão longe estão.*

Se não é pela controvérsia, a via de penetração no entendimento da Trindade será pela reflexão. A proposta encontra-se desenvolvida no seu tratado *A Trindade*, onde aponta semelhanças triádicas através de um percurso de interiorização que, partindo da criação em geral e do homem exterior, chega à imagem verdadeira da Trindade no interior da alma humana. O trecho acima introduz a concepção de Agostinho sobre a Trindade, que por sua vez é baseada na passagem do Gênesis, onde se diz que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus. (Gn. I, 26).

A via de acesso a essa verdadeira imagem de Deus é que constitui o grande problema. À reflexão sobre a tríade dentro do homem, indicada acima, acrescenta-se agora outro elemento: o *exercício*, a fim de que os homens percebam “quão longe estão” do entendimento da Trindade. O problema que está sendo examinado (a busca da imagem de Deus dentro do homem) não o é com vistas à exposição de uma doutrina, mas como exercício espiritual da inteligência, para que esta se torne mais apta a ascender à contemplação das verdades eternas<sup>1</sup>. A afirmação “as três bem distantes da Trindade” sugere-nos a busca das semelhanças numa

<sup>1</sup> Cf. *A Trindade*, Livro XV, 1,1-2, 2, pp.477-481; IX, 1,1, pp.285-287, e XIII, 20, 26, p.434. Ver sobre esse tema H. Marrou em seu *Santo Agostinho e o agostinismo*, p.74.

<sup>2</sup> A respeito do percurso, por degraus, da busca de Deus através de várias tríades,

tensão com as dessemelhanças, analisadas ao longo da obra citada, onde, pelo menos até o Livro XIII, Agostinho desenvolve a questão de onde não se encontra a imagem de Deus em nós, como se estivesse a marcar o que nos distancia da transcendência divina<sup>2</sup>.

De uma maneira geral, no Livro XI<sup>3</sup> Agostinho distingue imagem de semelhanças: na verdade tudo o que existe guarda alguma semelhança com o Criador, mesmo de modo longínquo, como vestígios. Mas, dentre as semelhanças, só a alma é imagem de Deus<sup>4</sup>. A questão que se coloca é: onde, em que lugar da alma humana, pode-se encontrar a verdadeira imagem da Trindade?

### 1.3. Segunda determinação da Trindade: o exame da tríade: ser, conhecer, querer.

*Aludo a estes três: ser, conhecer, querer. Pois sou, conheço e quero: sou conhecendo e querendo; conheço que sou e quero; quero ser e conhecer. Repare quem puder como é inseparável a vida nos três: uma só vida, uma só inteligência, uma só essência. Como é inseparável a distinção nos três. Distinção que no entanto existe ! Cada um está diante de si mesmo. Estude-se, veja e reponda-me.*

O que primeiro se nota é que os três componentes da tríade são distintos, só que os três formam uma única unidade: uma só vida, uma só inteligência, uma só essência.<sup>5</sup>

---

primeiro nas criaturas, até chegar finalmente à mente humana, ver o Livro XV, 3, 4-5, onde Agostinho elenca o conteúdo dos livros I ao XIV.

<sup>3</sup> Por exemplo, XI, 1-1, pp.335-6.

<sup>4</sup> Cf. Livro XI, 5, 8, p.349.

<sup>5</sup> A este respeito, transcrevo aqui duas observações de Manlio Simonetti, em seu comentário ao Livro XIII, 11, 12, p. 257 do livro *Confessioni Sant'Agostino*, vol.5 - Fondazione Lorenzo Valla/Arnoldo Mondadori Editore:

a) A fórmula ternária mais próxima de *esse nosse velle* (ser conhecer querer) encontra-se na Ep. CLXIX, 3, *vivere nosse velle* (viver conhecer querer). O ser do homem requer o Pai, o conhecer o Filho (Sabedoria), o querer o Espírito Santo (cf. *voluntas tua* XIII, IV, 5), os quais, em sua coexistência, unidos e distintos,



A mesma estrutura dessa tríade pode ser encontrada em outra - *memória, inteligência, vontade* - analisada por Agostinho em *A Trindade*:

“Portanto, os três: memória, inteligência e vontade, como não são três vidas, mas uma vida; e nem são três almas, mas uma alma, conseqüentemente, não são três substâncias, mas uma só (...). Mas são três enquanto são considerados em suas relações recíprocas, e não se compreenderiam mutuamente, se não fossem iguais; não somente quando cada um está em relação com cada um dos outros, mas também cada um em relação a todos. Não somente cada um está contido em cada um dos outros, mas todos em cada um (...). Concluindo, quando todos e cada um dos componentes da tríade se contêm reciprocamente, existe igualdade entre cada um e cada um dos outros, e cada um com todos juntos em sua totalidade. E os três formam uma só unidade: uma só vida, uma só alma e uma só substância”. (X,11,18)<sup>6</sup>.

O que nos interessa ressaltar aqui é que na tríade *ser, conhecer, querer* os três componentes também se interpenetram, implicam-se um no outro, sendo que cada um dos três contém os outros. Ou seja, cada vida, de cada homem, supõe os três inseparáveis nele, e cada um dos três é inseparável (indistinguível) dos outros dois. Olhando para dentro de si é impossível não perceber isso.

Suporemos, por enquanto, que também nessa tríade haja igualdade e perfeição entre os termos, deixando de lado a questão de

---

em um mesmo homem, requerem a unidade e a trindade de Deus.

b) Sobre *essentia*. Esta é a única vez nas *Confissões* que Agostinho emprega este termo, cujo uso, no seu tempo, era corrente no contexto doutrinal, sobretudo trinitário, e como tal recorre a ele muitas vezes em seus escritos: *Civ.* XII, 2; *Trin* VII, 4, 7; IX, 5, 8; XV, 6, 9.

<sup>6</sup> Estamos utilizando a tradução citada na bibliografia com algumas alterações. Tais alterações devem-se ao fato de termos optado por manter o neutro indeterminado do texto original (*haec tria, esta tria*) para designar as tríades (ver a versão que estamos utilizando neste artigo do texto *Confissões* XIII, 11,12), ao invés de traduzi-las por termos como “faculdades”, “atividades”, “características”, etc.

se saber em que medida ela poderia formar uma verdadeira imagem da Trindade. O que importa no momento é o movimento dos três termos e o que resulta daí. Dessa forma, analisada segundo os termos colocados acima, ela contém, como a Trindade: 1) três termos consubstanciais de valor igual na essência; 2) distinção entre os três termos em suas relações recíprocas. Em suma, contém unidade (de essência) na trindade e trindade na unidade. O mesmo não ocorre com as tríades do mundo corpóreo, como no exemplo dado por Agostinho do bloco de ouro do qual se fizessem três anéis semelhantes, os quais, se fundidos, deixariam de ser trindade. Ou ainda como no caso, inverso ao anterior, do vinho, da água e do mel, quando se convertem numa mesma bebida: cada um desses três elementos permanecem, na medida em que cada gota continuará contendo os três, porém cada um dos três não pertence a uma única substância.<sup>7</sup>

2. A especificidade das relações entre as três pessoas da Trindade – a incomutabilidade, a unidade e o infinito.

2.1. Dicotomia entre os três termos comutáveis da alma humana e a incomutabilidade no ser, conhecer e querer de Deus.

*Contudo, mesmo que reflita e me responda, não julgue ter encontrado aquilo que acima deles é incomutável, incomutavelmente é, incomutavelmente conhece e incomutavelmente quer.*

Trata-se agora daquilo que está acima destas coisas. A mudança de instância requer o aprofundamento da questão em novos termos. A palavra “acima” nos dá o sentido de uma ascensão na busca de Deus que vai do corpóreo ao transcendente. A atenção se desloca de uma reflexão da alma sobre si mesma para uma reflexão de sua relação com o Criador, pois isto que está “acima” de nós o está pelo fato mesmo de nos ter criado. Se no Livro X de *A Trindade* a alma, nos termos da tríade *memória, inteligência, vontade* (=amor), revela-se

---

<sup>7</sup> Cf. Livro IX, 1, 7, p.293-4.

como imagem das relações entre Pai, Filho e Espírito Santo, no XV importa ressaltar as dessemelhanças: mesmo sendo a imagem criada da Trindade uma única pessoa, e a Trindade três Pessoas, esta é mais inseparável do que aquela, pois a natureza da divindade é imutavelmente igual. “Jamais houve tempo em que deixou de ser ou foi de outro modo, e jamais haverá tempo em que deixará de ser ou será de outro modo” (XV, 23, 43, p.542). Ao contrário, na imagem humana imperfeita, os três componentes da tríade são separáveis entre si, pelo menos nesta vida, “por intensidade”: a memória de um certo indivíduo pode ser maior que sua inteligência e esta do que o amor, enfim, os três componentes podem ser maiores ou menores uns do que os outros reciprocamente. Mesmo que fosse curada dessa fraqueza (por intervenção da Graça), este fato já constitui para ela uma mudança. A diferença decorre, portanto, da imutabilidade: o ser de Deus não está submetido ao mundo das mudanças, ao regime do tempo. “Deus não pensa cada coisa separadamente. O seu pensamento não passa de uma coisa para outra, mas tudo lhe é presente (presente, passado e futuro) num só olhar” (XV, 7, 23, p.496). Com efeito, diz ainda Agostinho: “É uma e a mesma coisa quando se diz: Deus é eterno, imortal, incorruptível, imutável”. (XV, 5, 7).

Como se opera no interior de Deus-Uno a Trindade é a pergunta que Agostinho coloca em seguida, introduzindo ao mesmo tempo os paradoxos unidade-multiplicidade, finitude-infinitude na vida ternária intradivina. Como conciliar a distinção das Pessoas com a simplicidade e unidade da essência divina ?

2.2. Unidade-multiplicidade na dinâmica infinita da vida ternária intradivina.

2.2.1. Primeira alternativa: duas hipóteses.

*Será porventura graças a estes três que há a Trindade, ou em cada um dos três há estes três, de modo a serem três em cada um?*

Voltando à tríade do texto, na primeira hipótese, segundo a interpretação de Pierre Hadot (*La notion d' infini chez saint Augustin*), o Pai seria o ser, o Filho o conhecer e o Espírito Santo o querer. Nesse caso "há uma determinação da Trindade na distinção de três atos pelos quais a vida divina é plena e integral na relação entre ser, conhecer e querer. Há uma trindade porque estes três atos são necessários à vida divina" (ibid., p.66). Não se pode perder de vista, contudo, que o ser de que se fala aqui é no sentido relativo, pois no sentido absoluto o Ser é Deus, e o Pai, embora seja Deus (assim como o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus), não pode ser considerado Deus por excelência (assim como o Filho e o Espírito Santo também não o podem). Na Trindade não há diferença hierárquica e nem de funções: Pai, Filho, Espírito Santo possuem igualdade de substância, como foi visto anteriormente.

Na segunda hipótese, a cada uma das pessoas pertencem os três componentes da tríade. Como são três pessoas distintas, temos aí um "mistério" elevado ao cubo: O Pai é ser, conhecer e querer; o Filho é ser, conhecer e querer; e o Espírito Santo é ser, conhecer e querer.

### 2.2.2. Segunda alternativa: o infinito como fundamento último do finito.

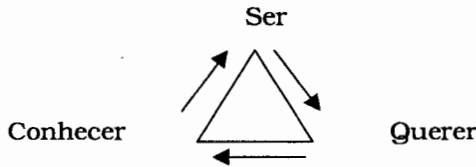
*Ou ambas as coisas se realizam de modo admirável - numa simplicidade que é justamente multiplicidade -, infinito em si e finito para si, pelo qual seja, se conheça e se baste imutavelmente na copiosa magnitude da unidade.*

Sem dúvida o ponto central da reflexão agostiniana está nessa segunda alternativa, que inclui as duas hipóteses. O problema se insere num complexo jogo interativo entre simplicidade e multiplicidade, finitude e infinitude.

Para falar da natureza una e trina de Deus, Agostinho elaborou o conceito de relação. Sendo a natureza de Deus simples, não pode ser dividida em três substâncias. Mas nem tudo se diz conforme a substância. Falamos de Deus também segundo a relação: o Pai se diz

em relação ao Filho e o Filho em relação ao Pai. Contudo a relação não é acidente: em Deus não há acidentes, mas identidade do ser com seus atributos, pois nele nada é mutável. A essência de Deus é a mesma que a das pessoas tomadas individualmente ou em conjunto. A relação, além de distinguir, opõe as pessoas sem comprometer a unidade e a simplicidade de Deus: o Pai não pode ser pensado sem o Filho e o Espírito Santo, o Filho não pode ser pensado sem o Pai e o Espírito Santo, e o Espírito Santo não pode ser pensado sem o Filho e o Pai. As três pessoas são ao mesmo tempo distintas quanto à relação e iguais na essência. A distinção também se faz quanto à processão: O Pai é ingênito, o Filho é gerado pelo Pai e o Espírito Santo procede do Pai e do Filho.<sup>8</sup> “Assim, é do mesmo modo que dizemos também que o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus, e os três juntos um só Deus” (XV, 17, 28, p.524).

Voltando à interpretação de Hadot do texto presente de Agostinho, há portanto determinação da Trindade (distinção de três atos), mas uma determinação na verdade infinita: em cada um desses três atos os outros dois estão contidos, sem romper a continuidade da vida divina. Há uma interioridade recíproca, sem limites, na qual determinação e infinito se confundem na integralidade. A integralidade exige que cada parte seja o todo e portanto que cada ato seja ao mesmo tempo os outros, em uma implicação sem fim<sup>9</sup>, que seria expressável pelo seguinte gráfico:



<sup>8</sup> Cf. Livro V, 5, 6, p.196.

<sup>9</sup> Tal problemática, segundo P. Hadot, em seu texto citado, seria próxima à problemática de Mario Vitorino (m. c 380 d.C., apelidado o Africano e amigo de Santo Agostinho, e que fez traduções para o latim dos escritos trinitários gregos e escreveu, ele mesmo, um tratado da Trindade) para quem ser, viver e pensar “não se distinguem a não ser por uma predominância de um dos aspectos sobre os outros. Em nosso presente texto de Agostinho, pode-se dizer igualmente que o ser (por exemplo) é apenas mais ser, o mesmo valendo para conhecer e querer” (p.66).

Determinação infinita aqui diz respeito mesmo à questão da finitude-infinitude de Deus, que ocupou Agostinho sobretudo em suas *Confissões*, onde se retrata de uma concepção errônea, enquanto era maniqueu, de Deus como infinito corpóreo. Após a leitura de Plotino, passou a conceber a infinitude espiritual. O que interessa salientar é a fórmula usada no texto: *infinito in se sibi fine*, paradoxal à primeira vista. É esta fórmula que Hadot se propõe a analisar em seu artigo citado, e que passamos a expor apenas nos seus aspectos principais.

Segundo Hadot, quando Agostinho trata da implicação infinita dos atos da Trindade, ele pensa na interioridade infinita do número inteligível, que em última instância diz respeito ao duplo movimento de Deus para si e para o mundo: finito para si, infinito para o mundo.

A partir de seu reencontro com o neoplatonismo, Agostinho descobre que Deus não é uma realidade corpórea difundida no espaço infinito, como pensavam os maniqueus. Deus é infinito de outra forma. A reflexão a esse respeito se desenvolve a partir da distinção entre número sensível, identificado a quantidade corpórea, e número inteligível. Há limites absolutos para os corpos do universo, e o número sensível se divide ao infinito no interior desses limites. Não há portanto a unidade (mônada) no mundo corpóreo, já que é possível dividir sempre mais um corpo. O número inteligível, ao contrário, se multiplica ao infinito a partir do um. Daí o sensível ser visto como pobreza, dispersão, e o inteligível como riqueza, abundância.

Mas o que é o inteligível para Agostinho? É possível entender isso a partir da oposição feita por Plotino entre Exterioridade (própria do mundo sensível, com suas divisões ao infinito) e Interioridade (própria do mundo inteligível, onde toda parte contém o todo e é idêntica ao todo). Para Agostinho o infinito corpóreo é produto da imaginação: é esta que produz os mundos inumeráveis de Epicuro e a terra de luz dos maniqueus. Ora, se isto ocorre, é porque a imaginação - a alma humana - contém nela mesma o infinito. No momento em que ela recusa o infinito corpóreo, ou deixa de se voltar para a matéria, descobre em si mesma o infinito interior. Tal como para Plotino, a alma não está, pois, contida nos espaços infinitos, mas contém tudo no seu espaço interior: o mundo está no interior do todo da alma. Projetado assim para dentro da alma, o infinito encontrará seu

fundamento em Deus.

Se o infinito não é corpóreo, mas espiritual, inteligível, interior, como defini-lo? O que significa dizer que Deus é infinito? A infinitude para Agostinho, nesse caso, significa capacidade de medir sem ser medido por nada exterior. Como pode medir se não tem medida? Justamente porque é a medida suprema: "Aquele cuja inteligência não tem número" (Salmo 146, 5). Não há número para Deus porque ele não é submetido a números, sendo ao contrário ele que lhes dá a medida. Desse ponto de vista, enquanto não é determinado por nada, ele é infinito.

Mas o fato de não ser determinado por nada externamente, não significa que seja indeterminado. Pois ele é medida de todas as coisas, sendo capaz de medir o infinito, de conhecer a série infinita dos números, pois esta série é infinita apenas para os homens que a percorrem discursivamente: Deus, ao contrário, a apreende de maneira sintética. Do ponto de vista de seu dinamismo interno, por se conhecer a si mesmo, ele é também medida para si mesmo. Ora, se todo conhecimento é medida e determinação, sendo Deus aquele que se conhece, é finito para si mesmo.

Finito e infinito não são portanto oposições em Deus, pois que ele as reúne em uma só unidade - a Trindade, que na distinção das Pessoas corresponde a uma finitude transcendente, e na sua unidade corresponde a uma interioridade, a uma infinitude transcendente. Por sua finitude infinita na interioridade de seu dinamismo trinitário, ele é, se conhece e se basta (no seu querer = amor).

Isso posto, resta-nos saber se é possível, ou até que ponto é possível, ao homem, compreender Deus, já que só ele, Trindade onipotente, pode se compreender a si mesmo e se determinar.

## Conclusão

*Quem facilmente o pensará? Quem o poderá explicar de algum modo? Quem, de algum modo, ousaria pronunciar-se temerariamente a esse respeito?*

Após a laboriosa tarefa de apreender o divino na tensão entre as semelhanças e dessemelhanças na investigação das tríades na alma humana, esforço que ocupa grande parte do tratado *A Trindade*, eis que Agostinho não conclui com considerações finais, mas com novas interrogações nas quais dá a entender a precaução com que aborda o tema. Não poderia ser objetivo do nosso trabalho acompanhar tão gigantesco percurso, mas simplesmente chamar a atenção para alguns aspectos como exercício de estruturação do presente texto.

Chama-nos a atenção agora uma retomada das considerações iniciais: “Quem poderá compreender ...”, “quão longe estão”, “não julgue ter encontrado aquilo que está acima...” As interrogações finais sugerem contudo uma inversão: não se trata de conhecer o infinito pelo finito, mas o contrário. A linguagem finita não dá conta de abarcar o infinito numa compreensão. Como pode o homem, com seus próprios recursos, sua inteligência limitada e linguagem deficiente, como Agostinho alerta várias vezes no decorrer de suas escritos, lançar-se a uma exploração do que lhe é transcendente, do que está “acima” e tão “longe” dele?

A investigação das tríades no homem poderia proporcionar algum entendimento que revelasse algo sobre a natureza da Trindade Divina. O esforço de interiorização, no qual vão-se eliminando os elementos externos, mutáveis, discursivos, conduz a uma diminuição progressiva das dessemelhanças e um aumento correspondente das semelhanças. A única possibilidade de se conhecer a alma reside, portanto, na sua semelhança com a Trindade: ela não pode ser conhecida como tal, mas como vestígio ou imagem de um modelo. Ora, se é difícil entender o modelo, a imagem se mostrará mais enigmática.

Voltamos assim à pergunta inicial desse trabalho: onde encontrar na alma a imagem verdadeira da Trindade? A resposta de Agostinho é: na mente, a parte mais nobre da alma humana<sup>10</sup>, que quando se volta para Deus é una e trina ao mesmo tempo. Em virtude mesmo da debilidade da linguagem, a análise das tríades na alma humana mostra a incapacidade de se conhecer a própria alma humana

---

<sup>10</sup> Cf. Livro XIV, 8, 11, p.453.



quando ela se volta apenas sobre si mesma. Nesse sentido o divino é inalcançável em meio às dificuldades da linguagem. Não é o caso, pois, de o homem encontrar no interior de si algo que o faça compreender a Trindade, no sentido de estabelecer comparação entre a atividade humana e a atividade divina. É justo o contrário. Se o percurso da busca a partir da interioridade humana conduz ao impasse da incompreensibilidade da Santíssima Trindade, é porque, de uma forma mais essencial, ocorre o inverso: é a Trindade divina que fundamenta a compreensão da alma humana, justamente por ser esta imagem daquela.

A análise feita através da tríade *memória, inteligência vontade*, revela que, embora se conheça totalmente, a alma é incompreensível para si mesma. A única possibilidade de a alma ser imagem verdadeira da Trindade é quando se volta para Deus e se reconhece como *memoria Dei, intellegentia Dei, amor Dei*<sup>11</sup>, em vez de julgar que vê a Trindade ou que a Trindade é como ela a vê em si, o que seria antropomorfismo. Então se reconhece como espelho, de onde não pode ver Deus diretamente<sup>12</sup>, mas apenas na contemplação das coisas eternas, onde se encontra a verdadeira sabedoria<sup>13</sup>. Mas este já é um outro tema que, para ser desenvolvido, exigiria um novo projeto de estudos.

## BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, A. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1987, Col. Os Pensadores.

\_\_\_\_\_. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984.

\_\_\_\_\_. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1994.

---

<sup>11</sup> Cf. Livro XIV, 12, 15, p. 461.

<sup>12</sup> Cf. Livro XV, 23, 44<sup>a</sup>, p. 543.

<sup>13</sup> Cf. Livro XV, 3, 5, p. 486.

\_\_\_\_\_. *De Magistro*. São Paulo: Nova Cultural, 1987, Col. Os Pensadores.

\_\_\_\_\_. *O Livre-Arbitrio*. São Paulo: Paulus, 1995.

CUNHA, M. P. S. da. *Introdução à Trindade em Santo Agostinho*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / UNICAMP, 1995. Tese de Doutorado.

HADOT, P. La notion d' infini chez saint Augustin. *Philosophie*, 46, 1990.

MARROU, H. I. - *Santo Agostinho e o agostinismo*. Rio de Janeiro: Agir, 1957.

NOVAES, M. *Eternidade e Tempo no Livro XI das Confissões de Agostinho de Hipona*. São Paulo: CEPAME, 1993, nr. 3.